



ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E A OBRA DE EDGAR MORIN: RELAÇÕES COM ESTUDOS CRÍTICOS, INSTITUCIONALISMO E CIÊNCIAS DA COMPLEXIDADE

Pretende-se situar a obra de Edgar Morin no campo dos estudos organizacionais. Parte-se, para tanto, de algumas constatações que apontam em direções contrárias: a) a emergência dos estudos organizacionais (ou teoria organizacional) tem sido caracterizada, especialmente desde meados do século XX, pela dispersão e fragmentação (REED, 1999); b) a obra de Morin, especialmente a série *La Méthode*, apresenta-se como uma contribuição epistemológica para as ciências sociais e naturais e, no que tange aos estudos organizacionais, destaca-se por enfatizar o conceito de auto-eco-organização e religar saberes e disciplinas, além de níveis organizacionais (individual, interacional, organizacional, societário e civilizatório, conforme classificação de CHANLAT, 1996). Argumenta-se que o *pensamento complexo*, no âmbito dos estudos organizacionais, ganha densidade analítica na medida em que se considere especialmente (mas não de forma exclusiva) sua relação com as seguintes perspectivas teóricas: a) *estudos críticos em administração*; b) *teoria institucional*; c) *ciências da complexidade*. A contribuição de Morin aos estudos organizações situa-se entre estas três tendências, sem privilegiar uma abordagem direta das organizações como fenômenos sociais e institucionais, mas com uma contribuição epistemológica e crítica do fenômeno sistêmico-organizacional em suas diversas formas e níveis de análise, partindo da física e da biologia para a antropossociologia, a antropolítica, a educação e a ética, em busca explícita de uma mudança de paradigma (não limitando-se às chamadas comunidades científicas, conforme fez Kuhn, 1970). Para Morin (1991; 1998; 2005) – há basicamente dois grandes paradigmas – embora cada um deles contenha paradigmas menores, vinculados a autores clássicos, metáforas (MORGAN, 2005; BURREL; MORGAN, 1979) ou ciências particulares – em disputa no meio acadêmico contemporâneo: o disjuntor-redutor e o da complexidade. A noção de paradigma é aqui utilizada como sinônimo de metateoria, por transcender qualquer teoria, permitir a reflexão sobre as teorias e sobre suas limitações. O primeiro paradigma, vinculado à revolução científica moderna, separa objeto e sujeito, qualidade e quantidade, estabelecendo polaridades no pensamento das sociedades urbano-industriais, com raízes históricas no século XVI (e mesmo antes), e favorecendo a emergência das chamadas ciências particulares, assim como o afastamento da filosofia em relação a todas as formas de ciência. Houve uma diáspora entre filosofia e ciências, que gerou mais tarde o que Postman denominou “tecnopólio”, ou a rendição da cultura à tecnologia (POSTMAN, 1994). A cultura dita científica é separada (princípio de disjunção) das chamadas humanidades, com diferentes ênfases, desde o cartesianismo, o mecanicismo, o empirismo, o taylorismo, o positivismo, o funcionalismo e o estrutural-funcionalismo. O segundo grande paradigma – chamado da complexidade ou pensamento complexo – se fundamenta, por um lado, na segunda revolução científica, ocorrida com a emergência da física quântica e subatômica na primeira metade do século XX, e, por outro, na

¹ Professor da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

terceira revolução científica, que se expressa pelos diálogos multi, inter e transdisciplinares, na busca de respostas a problemas crescentemente complexos e interligados pela própria dinâmica histórica. Enquanto o paradigma disjuntor-redutor separa as formas de conhecimento ou as reduz a fórmulas abstratas e simplificadoras, o paradigma da complexidade associa sem fundir e distingue sem separar as diversas formas de conhecimento, contribuindo com uma percepção crítica, emancipadora e prudente da ciência (MORIN, 1986; 1998; 2005; ETKIN; SCHVARSTEIN, 2005; VASCONCELOS, 2002; NICOLESCU, 1996). As relações entre o paradigma da complexidade e os estudos organizacionais ainda estão em processo de definição, carecendo de análises específicas quanto às características e limitações das três perspectivas acima destacadas. Preliminarmente, considera-se que a perspectiva dos *estudos críticos* (CLEGG; DUNKERLEY, 1977; ALVESSON; DEETZ, 1998; GUERREIRO RAMOS, 1981; CHANLAT, 2000; DAVEL; ALCADIPANI, 2003) parece aproximar-se mais do paradigma da complexidade que as duas outras perspectivas à medida que se estende sua interdisciplinaridade; em segundo plano, considera-se que as duas outras perspectivas mantêm vínculos principalmente com o paradigma disjuntor-redutor, embora contenham contribuições de grande relevância para a compreensão da dinâmica das organizações e das instituições. A perspectiva dos *estudos críticos* encontra suas bases socioculturais na Europa, mas também no Brasil, por intermédio de Guerreiro Ramos, Fernando Prestes Motta e Maurício Tragtenberg. A perspectiva *institucional* tem suas bases nos Estados Unidos, com Philip Selznick (FACHIN; MENDONÇA, 2003), com relevantes contribuições de autores ingleses, inclusive de Giddens, por meio da sua teoria da estruturação (GIDDENS, 1989). A perspectiva das ciências da complexidade também tem suas bases socioculturais nos Estados Unidos, especialmente a partir dos estudos do Santa Fe Institute (BATTRAM, 2004; KAUFFMAN, 2004), difundindo-se a partir daí para a Inglaterra e diversos outros países. Argumenta-se que há uma relação de antagonismo e complementaridade entre estas três perspectivas e o paradigma da complexidade, mas com diferentes ênfases: na relação com os estudos críticos há um potencial de complementaridade maior, enquanto que, na relação com as outras duas perspectivas, complementaridade ou antagonismo dependem de análises mais específicas, circunstanciais (temas, autores). Os autores que defendem a teoria institucional posicionam-se a partir das ciências sociais, partindo de uma abordagem positivista, funcionalista, estrutural-funcionalista (sistemismo parsoniano, sociologia funcionalista da ciência), com um viés reducionista e disjuntor em relação às contribuições da física e da biologia contemporâneas. A abordagem epistemológica desta perspectiva parece delimitada pela fenomenologia e pelo construtivismo, embora tenha raízes positivistas. Os autores que defendem as *ciências da complexidade* ou *teoria da complexidade* com freqüência limitam-se a tangenciar a problemática epistemológica e buscam uma forte interação entre ciência e tecnologia, especialmente a partir da informática e da simulação de modelos computacionais, com alguma interpretação da teoria dos sistemas no tratamento dos *sistemas complexos adaptativos* (HOLLAND, 2005). Neste sentido concebem o que Morin define como *complexidade restrita* (MORIN, 2007; ALHADEFF-JONES, 2008). Mas há sinais de abertura desta perspectiva para os temas ecológicos, sociais e éticos, especialmente na abordagem da administração (BATTRAM, 2004). No Brasil, com crescente freqüência promove-se uma mescla entre a perspectiva do pensamento complexo e a das ciências da complexidade (WITTMANN, 2008; AGOSTINHO, 2003; ROCHA NETO; IAROSZINSKI NETO; NEHME, 2008; MARIOTTI, 2010), sem uma articulação com os estudos críticos e/ou com a perspectiva institucional. Conclui-se que, no processo de inserção do pensamento complexo no âmbito dos estudos organizacionais, há um sério risco de simplificação e estreitamento da obra de Morin, especialmente quando se enfatiza a dimensão gerencial e instrumental.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento complexo; institucionalismo; estudos críticos; ciências da complexidade

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, M. E. *Complexidade e organizações: em busca da gestão autônoma*. São Paulo: Atlas, 2003.

ALHADEFF-JONES, M. Three generations of complexity theories: nuances and ambiguities. *Educational philosophy and theory*. Philosophy of Education Society of Australasia. Vol. 40, no. 1, p. 66-82. Published by Blackwell Publishing, 9600 Garsington Road, Oxford, OX4 2DQ, UK and 350 Main Street, Malden, MA 02148, USA, 2008.

ALVESSON, M; DEETZ, S. Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais. In: CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (Orgs.) *Handbook de estudos organizacionais*. Vol. 1. Modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 1999.

BATTRAM, A. *Navegando na complexidade: o guia essencial para a teoria da complexidade nos negócios e na gestão*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

BURREL; G.; MORGAN, G. *Sociological paradigms and organization analysis*. Londres: Heinemann, 1979.

CHANLAT, J F. *Ciências sociais e management: reconciliando o econômico e o social*. São Paulo: Atlas, 2000.

CHANLAT, J. F. (Org.). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. Vol. 1 São Paulo: Atlas, 1996.

CLEGG, S.; DUNKERLEY, D. *Critical issues in organizations*. London: Routledge, 1977.

DAVEL, E.; ALCADIPANI, R. Estudos críticos em administração: a produção científica brasileira nos anos 1990. In: *Revista de Administração de Empresas (RAE)*, vol. 43, n. 4, out/dez, 2003.

ETKIN, J.; SCHVARSTEIN, L. *Identidad de las organizaciones: invariancia y cambio*. 6ª reimp. Buenos Aires: Paidós, 2005.

FACHIN, R.; MENDONÇA, J. R. Selznick: uma revisão da vida e da obra do precursor da perspectiva institucional na teoria organizacional. In: VIEIRA, M. M.; CARVALHO, C. A. (Orgs.) *Organizações, instituições e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GUERREIRO RAMOS, A. *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: FGV, 1981.

HOLLAND, J. Studying complex adaptative systems. *Journal of Systems Science and Complexity*. Boston, v. 19, n. 1, p.1-8, 2005.

- KAUFFMAN, S. Espirais da auto-organização. Entrevista concedida a BENRIRENE, R. *A complexidade, vertigens e promessas*. 18 histórias de ciência. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- KUHN, T. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.
- MARIOTTI, H. Pensando diferente: para lidar com a complexidade, a incerteza e a ilusão. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARIOTTI, H. *Pensando diferente: para lidar com a complexidade, a incerteza e a ilusão*. São Paulo: Atlas, 2010.
- MORGAN, G. Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. In: CALDAS, M. P.; BERTERO, C. O. (Coords.) *Teoria das organizações*. São Paulo: Atlas, 2007.
- MORIN, E. *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. Edição revista e modificada pelo autor. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- MORIN, E. Complexité et organisation. In: Audet, M. e Malouin, J.-L.. *La production des connaissances scientifiques de l'administration*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1986.
- MORIN, E. *O método*. Vol. 4. As ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização. Editions du Seuil: Publicações Europa-América, 1991.
- MORIN, E. Restricted complexity, general complexity. In: GERSHENSON, C; AERTS; EDMONDS, B. (Eds.) *Worldviews, science and us, philosophy and complexity* (London, World Scientific) p. 5–29, 2007.
- NICOLESCU, B. *La transdisciplinaridad: manifiesto*. Hermsillo: Multiversidad Mundo Real Edgar Morin, 1996.
- POSTMAN, N. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994.
- REED, M. Teoria organizacional: um campo historicamente contestado. In: CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (Orgs.) *Handbook de estudos organizacionais*. Vol. 1. Modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 1999.
- ROCHA NETO; IAROSINSKI NETO, A.; NEHME, C. C. *Complexidade e avaliação: teoria e prática*. Brasília: Editora Universa, 2008.
- VASCONCELOS, E. M. *Complexidade e pesquisa interdisciplinar*. Epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis: Vozes, 2002.
- WITTMAN, M. (Org.) *Administração: teoria sistêmica e complexidade*. UFSM, 2008.